

A IDÉIA DE JUSTIÇA PARA SIMONE DE BEAUVOIR

**Fernanda Cândida Costa*
fernandacandida@hotmail.com

RESUMO: o presente estudo é uma interpretação do pensamento da filósofa, Simone de Beauvoir, sobre a justiça e a sua estreita relação com a conquista da autonomia pelo ser humano, enfocando a condição feminina.

Existencialista e feminista, Simone de Beauvoir, por meio de suas obras, lutou para que a mulher tivesse um papel na sociedade e, em torno dessa ideologia, construiu a sua idéia de justiça, que tem como estandarte a Liberdade. Essa Liberdade só possui significado na ação e na capacidade do ser humano de impor modificação real. Isso constitui uma revolução permanente, que não pode realizar-se sem que seja rompida a antiga ordem.

A mulher, para se tornar livre, deve modificar tudo o que já foi construído em torno de sua imagem e se posicionar como ser humano, pois ela é prisioneira de sua própria situação: não possui um passado, uma história e não tem religião própria. Tudo o que ela acredita ter construído e evoluído é pura ilusão, pois ela não conquistou nada, tudo lhe foi cedido pelos homens. Eles é que permitiram essa evolução ilusória.

Contudo, não se deve colocar essa situação como algo intransponível. A libertação é fundamental para os seres humanos, tanto ao homem que domina, como à mulher que é dominada. Porque ambos em algum momento de suas vidas, sofrem por existir esta distinção entre os sexos.

Beauvoir acredita que não importa o que a sociedade fez da mulher, mas que atitude ela tomará a respeito do que fizeram dela.

Por ser existencialista, a autora, entende a liberdade como escolha incondicional que o próprio ser humano faz do seu ser e do seu mundo. Quando a mulher julga estar subordinada a forças externas mais poderosas do que a sua vontade, esse julgamento é uma decisão livre, pois muitos homens, na mesma circunstância de subordinação, não se curvaram e nem se resignaram. Em outras palavras, conformar-se ou resignar-se é uma decisão livre, como não se resignar, nem se conformar com uma situação, lutando contra as circunstâncias, também o é. Qualquer atitude que se tenha é livre, condenando o ser humano àquela decisão que tomar.

A mulher deve ter orgulho do seu sexo, das suas idéias, da sua capacidade de procriação, da sua anatomia, assim como os homens têm. Tem que ser autônoma. Mesmo que a sua *criação* tenha se dado a partir do *osso de um homem*, ela precisa se libertar desse laço que a prende ao sexo masculino. E tomar consciência de si mesma.

Para a autora, não se nasce mulher, torna-se. É a sociedade que constrói esse produto intermediário entre o homem e o ente castrado, rotulado de feminino.

A submissão que caracteriza a mulher é incentivada nela desde os primeiros anos de vida. De acordo com a autora, na infância, até os três ou quatro anos, não existe diferença entre os meninos e as meninas. Ambos tentam a todo custo prolongar o estado feliz anterior à desmama. Desejam agradar, provocar sorrisos e serem admirados.

As crianças têm medo de crescer. E, por isso, se sentem desesperadas quando os pais páram de colocá-las no colo, de aceitá-las em sua cama. Sentem, à medida que crescem, o abandono.

É a fase em que as meninas possuem privilégios ilusórios: recebem mais carícias dos pais; é permitido que fiquem grudadas à mãe ou no colo do pai, que chorem. Seus cabelos são penteados com capricho, sua vaidade é estimulada.

Esse maior contato físico que é dado à mulher na infância, protege-a, transitoriamente, contra a angústia da solidão. Aos meninos, em contrapartida, não é dada nenhuma dessas vantagens. Não pedem beijos, não podem chorar ou serem vaidosos. Os pais querem, sempre, que eles se portem como verdadeiros *homenzinhos*.

Os meninos se sentem assustados com essa independência que os pais impõem a eles. Muitos, nessa fase, desejam ser menina. Segundo a autora, por causa de todo o privilégio que é dado às meninas, muitos meninos caminham para o homossexualismo.

Para encorajar os meninos, os pais insuflam o orgulho da virilidade. Colocam o órgão masculino como um ser distinto do indivíduo, mais astuto, mais apto (a menina, no entanto, não tem sexo). Até as brincadeiras reservadas aos meninos fazem com que eles percam a fragilidade da infância. Batem. Apanham, aprendem a não chorar. Endurecem.

A menina, por volta dos doze anos, já conhece o seu destino. Será esposa, mãe, avó, cuidará da casa, exatamente como fez a sua mãe. É um círculo vicioso. Cuidará dos filhos como foi cuidada pelos pais. Ainda tão pequena e já tem escrita a sua história.

Já os meninos, independentemente de sua personalidade, têm um futuro aberto e livre à sua frente. Algo imprevisível e cheio de possibilidades.

É na adolescência que ocorre uma grande crise na vida das mulheres: com a transformação do seu corpo e o afloramento de sua fertilidade. Não obstante essas transformações signifiquem feminilidade, também significam inferioridade e alteridade. A adolescente vive um grande drama no momento da puberdade: não pode se aceitar adulta sem aceitar a sua feminilidade. O desejo sexual e a curiosidade sobre tudo que cerca esse tema brota de maneira intensa na adolescência. É um período de muitas dúvidas e quase que nenhuma resposta.

Observa-se que, muitas vezes, a partir da puberdade, a jovem perde espaço no mundo intelectual e artístico. E existem muitas razões para isso: a adolescente não encontra incentivo da sua família e o aprendizado dos afazeres domésticos é muito mais valorizado. Além dessa falta de iniciativa que decorre da sua educação, os costumes tornam a sua independência difícil. Qualquer atitude que algumas delas tenham que fuja ao convencional é tida como provocação, e logo estas jovens são ultrajadas e difamadas, e as suas atitudes são abortadas. A naturalidade que elas tentam ter, se transforma em descompostura. Esse controle de si mesma que a mulher é obrigada a ter mata a sua espontaneidade. A adolescente se sente vencida, não se imagina responsável pelo seu futuro, julga inútil exigir muito de si mesma, porque acredita que o seu destino não depende dela própria.

Surge o seu interesse de moça pelo sexo oposto, mas sua mãe a aconselha a não tratar os rapazes como colegas, a não dar o primeiro passo. Precisa se conter o tempo inteiro, assumir um papel passivo, pois lhe é ensinado que os homens não gostam de mulher com instintos masculinos, que saiba o que quer. Ousadia demais, cultura demais e caráter proativo assustam os homens. Para a sociedade ser feminina é mostrar-se frívola, fraca, passiva e dócil.

A jovem vive, então, um grande dilema: não quer mais ser criança, mas também não quer ser adulta. Não aceita o destino que a natureza e a sociedade criaram para ela, e, no entanto, não rejeita essa idéia totalmente. Sente-se dividida por entrar em luta com o que quer e com o que foi designado a ela. Está ansiosa por ter a detenção do seu futuro, mas teme romper com o passado. Deseja ter um homem, mas sente aversão a se tornar uma presa fácil.

Entretanto, seja qual for a maneira pela qual a jovem encare sua fase adulta, o aprendizado ainda não está completo. Enfrentando essas etapas ou não, será necessário passar pela iniciação sexual. A maneira como vai lidar com isso está intimamente ligada ao seu passado, à maneira com que foi educada.

O destino que a sociedade tradicionalmente propõe à mulher é o casamento. Grande parte das mulheres, ainda hoje, são casadas, ou foram, ou se preparam para ser, ou sofrem por não serem.

A evolução econômica que a mulher vem galgando, tem alterado intensamente a instituição do casamento, que se torna, cada vez mais, uma união consensual de duas individualidades autônomas. As obrigações dos cônjuges são recíprocas. O adultério é um rompimento que propõe um ao outro. O divórcio pode ser querido por qualquer um dos dois, em condições de igualdade. A mulher não se considera mais confinada à sua função de reprodutora, como se fosse um serviço prestado ao marido. Para a sociedade, ser mãe tornou-se uma responsabilidade assumida de maneira voluntária.

Contudo, a época atual é, ainda, do ponto de vista da autora, um período de transição. Somente uma parte das mulheres participa da produção, porém, continuam todas pertencendo a uma sociedade ainda arraigada a antigas estruturas e valores.

Para ambos os sexos, o casamento é, ao mesmo tempo, um encargo e um benefício, mas não há uma harmonia nessas situações. Para as jovens, o casamento é o único meio de se integrarem à sociedade e, se permanecem solteiras, são excluídas da sociedade. A mulher, quando se casa, recebe o nome do marido, associa-se à sua religião, integra-se à sua classe, ao seu meio. Pertence à família dele, fica sendo sua *metade*. Ela rompe com o seu passado, adere à figura do seu esposo, dá-lhe sua pessoa, deve-lhe virgindade e fidelidade rigorosa.

A mulher que não se casa é um ser socialmente incompleto. Ainda que seja economicamente independente, espera-se que traga uma aliança no dedo para que conquiste a dignidade integral de uma pessoa e a plenitude dos seus direitos. A maternidade, em particular, só é respeitada na mulher casada. A mãe solteira permanece como um objeto de escândalo e seu filho se torna a concretização do *pecado cometido*.

Nenhum jovem, entretanto, deve considerar o casamento como seu projeto fundamental. O seu sucesso econômico é que lhe trará dignidade: pode implicar casamento, mas também pode excluí-lo, e isso não o diminuirá em nada. O casamento traz comodidades materiais para o homem: ele se alimenta melhor em casa e há a comodidade erótica, pois tem uma parceira certa.

Beauvoir acredita que as dificuldades da vida a dois são facilmente superadas se o amor e o desejo são valorizados na união conjugal. O amor físico tira sua força e dignidade da alegria que um proporciona ao outro. Então, nenhuma de suas práticas é infame, porque não é suportada e, sim, generosamente aceita. Mas o casamento se torna impudico quando se transforma em direitos e deveres, em uma troca baseada num impulso mecânico. O marido se torna frio, muitas vezes, por estar apenas cumprindo um dever e a esposa se sente diminuída quando está entregue a alguém que exerce um direito sobre ela.

A mulher se sente obcecada pelo horror de envelhecer, muito mais do que o homem. Isso porque, é na sua fase madura que ele consegue chegar aos postos mais altos da sua profissão e chega a um equilíbrio econômico. É um período em que se sente realizado. Já a mulher se sente infeliz com as transformações do seu corpo, frustrada com o casamento que pode não ter dado certo. Os filhos, já amadurecidos, seguem o seu próprio destino. Sente-se livre, mas já não há nada a fazer com essa liberdade tardia.

A autora, na sua obra (BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo: Fatos e mitos*; tradução de Sérgio Milliet. 8.ed.v 1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1949., e *O Segundo Sexo: A experiência vivida*; tradução de Sérgio Milliet. 7.ed.v 2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1949.), mostra que esta condição da mulher não surgiu de uma hora para outra, e, sim, foi construída ao longo de um caminho que começa na infância e vai até a velhice, dentro de um círculo vicioso, quase que hereditário.

Beauvoir não vê a mulher como um sexo frágil e impotente, ou como uma vítima do homem, mas como vítima de si mesma, da sua passividade. É uma escrava da sua própria condição. A mulher precisa ver o mundo de outra maneira, com olhos de reconstrução, de transformação. Ela tem que começar a repensar a sua função no mundo, a sua função de mulher e mãe. Precisa ser dona de si, dos seus desejos, ter vontade autônoma e tomar consciência de si. Deve enxergar que existe um mundo aberto à sua frente, que precisa correr riscos e tentar a sorte sem temer as conseqüências.

A libertação é essencial ao homem e à mulher, pois ambos são vítimas um do outro. Enquanto o homem e a mulher não se enxergarem como semelhantes, não se respeitarem como pessoas, em todos os campos da vida, sem diferenças, não poderão desfrutar do que têm de melhor: a sua liberdade. Portanto, não chegarão à justiça.

** Aluna do 6º período do Curso de Direito do Unicentro Newton Paiva*